

MÁRIO DE ANDRADE
APRENDIZ DE FOTÓGRAFO

"Nordeste

Negativos e seus positivos pra ver si
podem sair bons em sêpia grande cartão
postal. Ou sem ser sêpia mesmo."

Mário de Andrade. Indicação em envelope
de negativos.

O aprendiz de fotógrafo - faceta pouco conhecida de Mário de Andrade - existiu entre 1927 e 1929, coincidindo com uma experiência muito importante para o escritor, as suas "viagens etnográficas". Denominando-se "turista aprendiz", numa paródia ao Aprendiz de feiticeiro de Paul Dukas, Mário está confessando a fascinação pelo objeto de sua pesquisa de viajante no século XX: o povo brasileiro em suas características e em suas manifestações culturais.

São duas as "viagens etnográficas". Na primeira, ao Norte, que se inicia em maio de 1927, tem lugar a estréia do fotógrafo aprendiz. Prolongando-se até agosto, a viagem, que lhe proporciona um contato estreito com a Amazônia, é exaustivamente fotografada. Mário de Andrade registra seu encontro com os modernistas dos outros estados, suas companheiras de viagem, o tipo humano da região, as formas de trabalho, a arquitetura. Só não pôde registrar as danças dramáticas a que assistiu, pois, realizando-se à noite, deixaram-no sem recursos técnicos para fotografar. A segunda viagem, ao Nordeste, quando recolhe fartíssima documentação popular (melodias, poesia, danças dramáticas, música de feitiçaria, etc.), ocorre entre dezembro de 1928 e fevereiro de 1929. Os mesmos temas - fotográficos - se repetem e, desta vez, Mário pôde documentar as danças dramáticas, auxiliado pela luz do sol que se prolonga no verão. Quando fixa a arquitetura ou a imaginária sacra, insistindo nos detalhes, podemos já vislumbrar o futuro criador do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Nas fotos de ambas as viagens e em outras que tira no período de 1927-29, com sua "Codaque" sem sofisticacões, podemos captar sua vontade de ultrapassar os limites do fotógrafo amador, que se restringem ao registro histórico-afetivo. Percebe-se que Mário está consciente da Fotografia como linguagem e que se arrisca a explorá-la, fugindo ao convencional, quando tenta cortes, closes, toma figuras de costas ou busca a plasticidade em composições geometrizantes. Aprendiz aplicado, não descuidou dos seus negativos organizando-os em álbuns e, no verso das cópias (mais de 700, tamanho 6,1x3,7 cm., em sua maior parte), anotou legendas. São elas que, ao lado da identificação das imagens em discurso poético, irão desvendar, para nós, a "técnica" do fotógrafo. Porque este fez questão de marcar a abertura do diafragma da máquina, a hora do dia e a intensidade da luz do sol, provavelmente interessado em aprimorar os resultados nas futuras experiências. Esses dados se repetem, mesmo quando o próprio Mário é fotografado na viagem à Amazônia e por aí vemos que nada lhe escapava ao controle. Utilizando as expressões "Ritmo" e "Equilíbrio", as legendas nos falam do interesse do "turista" em analisar as cenas e as imagens captadas.

Telê Porto Ancona Lopez
setembro 1977